**NOME: MONS. RAIMUNDO ANTONIO**

**SOBRENOME: DA SILVA (MONS. GABRIEL)**

**DISCIPLINA: UNÇÃO E PENITÊNCIA 8º SEMESTRE**

Aula: dia 08 de setembro de 2020

**TEMA:**

 **TEMA: CONT. ENFERMIDADE E CURA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO; ENFERMIDADES E CURAS, SINAIS DO REINO NO MINISTÉRIO DE CRISTO.**

I. Autor: BOROBIO, Dionisio et al. **A celebração na Igreja 2**. Sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 562-574.

**REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE O SENTIDO DO SACRAMENTO**

I. Autor: BOROBIO, Dionisio et al. **A celebração na Igreja 2**. Sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 574-581.

**Entendimento do texto:**

O capítulo aprofunda a realidade do sacramento da unção para uma compreensão mais evangélica do que celebramos. Trata-se de discernir o centro de gravidade do sacramento, o ponto de unidade e coerência de seus diversos aspectos, o fundamento do sentido de suas diversas práxis.

O sentido deste sacramento visto na relação dos sacramentos em geral, que devem ser entendidos **como**:1. Expressão da forma crente de está no mundo; 2.afirmação da vida e aceitação da existência a partir das três virtudes teologais eclesialmente significados; 3.sacramentalização simbólica eclesial das situações fundamentais e privilegiadas da vida; 4. Concentração simbólica de uma sacramentalidade extensa e plural; 5. Sinais da liberdade da fé, e da contestação de toda falsidade do ideal, de toda escravidão da vida; e finalmente, sinais celebrativos de uma esperança escatológica”.

**1.A enfermidade é uma situação fundamental da vida humana**

A Igreja reconhece o universo das diversidades das enfermidades com suas gradualidades de sérias ou graves. As mais difíceis de cura geram um abalo na pessoa inteira, colocando-as diante da real fragilidade e limitação, trazendo mensagem de alerta vital e até de morte. É a hora da pessoa entrar em nova situação, ressignificar seus valores, se interrogar sobre a própria vida. Podem doenças físicas, psíquicas ou sofrimento moral, já que a enfermidade, como a saúde tem diversas dimensões, mutuamente relacionadas e implicadas.

Doenças sérias ou graves tem as mesmas características de toda situação fundamental, que passando pelo estremecimento existencial, projeta a pessoa para uma nova realidade de transcendência, em interpelação e chamada, que abre para novos horizontes de ser no Ser. Quais as quatro características das situações de enfermidades que especificam e diferenciam das outras? 1. Supõe uma passagem biológico-vital, porque implica desarmonia e mudança físico-psíquica; 2. Tem um caráter de negatividade em princípio, pois em si mesma é um mal, desconforto; 3. Afeta a totalidade do ritmo da existência, com incidência nas atividades e nos relacionamentos; 4. Leva a abrir a pessoa a perspectiva escatológica, pela pergunta sobre o futuro.

Diante do quadro da enfermidade a reação é inevitável, e isto demostra com que atitude ou maturidade a pessoa deve conscientemente enfrentá-la: 1. Com maturidade biológica, tendo uma avaliação correta do próprio corpo e seu processo evolutivo; 2. Com maturidade psicológica, que implica não ser dominado pelo temor, pela angústia e desespero; 3. Com maturidade humana, que apresenta lucidez e clarividência para adaptar a fragilidade e a dor como parte integrante da condição humana; 4. Com maturidade religiosa, na crise se saiba referir a situação a Deus.

1. Situação de enfermidade e experiência de graça

A situação de enfermidade grave ou séria além de afetar todo o ser da pessoa, é uma experiência humana que vivida com maturidade, se torna também lugar para a experiência da graça. Quais são os traços dessa experiência?

É uma experiência dramática e misteriosa, condicionante do futuro. A pessoa tem logo uma nova presença do corpo, que está em desarmonia com sua vontade, como resistência e não como possibilidade física. O corpo debilitado transtorna a ruptura da sua unidade, e coloca em crise a própria personalidade.

 O estranhamento vital, é uma espécie de exílio obrigatório pela experiência singular de tratamento em hospital, quebra dos vínculos primários, ameaça de solidão e até marginalização social.

O mundo de referências vitais impostas ao enfermo é novo e desafiador: dependências, limitação de espaço, tratamentos exigentes, e tudo isto concorre para mudar o mundo inter-relacional, a nível pessoal, comunitário e até na sua relação com Deus, por estar colocada em crise a referência da fé.

A experiência de ultimidade leva a uma profunda recapitulação da própria vida no passado até o presente para se abri ao futuro, em que o final é visto como possibilidade real e com maior proximidade.

O enfermo se pergunta urgentemente por si mesmo, seu destino, pela razão doa doença e pela verdade de Deus, pelo futuro depois da morte. Isto implica uma grande decisão, adotando uma postura de aceitação da doença e de seu destino (unindo-se a vontade de Deus), ou de desespero, resignação passiva ou rebelião contra o futuro inaceitável.

Nesta situação desponta a possibilidade da graça, como experiência de amor agraciador de Deus, presente misteriosa mas realmente no grito da fragilidade humana. No profundo mistério da limitação e do sofrimento, o enfermo que aceita serenamente seu destino, abandonando-se e oferecendo-se ao futuro que o Outro lhe reserva, já está se abrindo ao amor e à proximidade salvadora de Deus.

 K. Rahner ensina: “a graça é essa dimensão pela qual o infinito da existência humana se encontra com o mistério indizível de Deus; porque é a força que nos permite suportar esses abismos bem-aventurados da existência; porque nos permite aceita-los e não nos fechar à vida e preguiçosamente nas realidades passageiras e finitas... A graça é em última instância, o próprio Deus que no seu mistério indizível se comunica a nós numa proximidade absoluta, para nosso perdão e nossa vida. Na medida que nós temos a experiência insondável do nosso ser, e reconhecemos que este abismo está cheio daquilo que nós chamamos Deus, nessa medida a graça constitui a realidade mais misteriosa e, ao mesmo tempo, a mais evidente, já que é o fundamento inatingível e o cumprimento de nossa experiência última... Deste modo o acontecimento da graça deve produzir-se sobretudo ali onde o homem, nos acontecimentos centrais e concretos da vida humana e cristã, está radicalmente confrontado consigo mesmo; ali onde se abre diante dele o abismo ao mesmo arriscado e feliz de sua existência, no qual se obrigado a decidir” (Sur le sacrement des malades, 44,45).

 A situação real de enfermidade por ser tão profunda e radical, tão abaladora e totalizante, é um lugar privilegiado dessa graça. Na doença a “fronteira divina” do homem aparece em carne viva, e a “fronteira humana de Deus”, se mostra mais encarnada. A graça é isto: Deus presente ali para mim a partir do mistério profundo do meu ser contingente e fraco. A graça se apresenta como: rosto humano, evento antropológico, e presente gratificante na dor.

1. Experiência de graça e sacramento da graça

Esta experiência da graça, abre para o sacramento da graça. Como isto acontece? Pela mediação da explicação da palavra e pelo sinal da Igreja, para que o que se sente possa ser dito, e o que se vive possa ser celebrado, afim de vivê-lo com gozo e na eficácia que transforma o sofrimento em oferta, a angústia em esperança, a morte em vida nova. Quando isto acontece? Quando se acolhe:

1.a palavra revelada, que nos promete a libertação e a salvação da enfermidade, a partir da cruz e da ressurreição de Cristo;

2. a palavra pregada, que nos explicita a Igreja o sentido de verdade da enfermidade e da graça atuante;

3.e a palavra sacramental, pela qual a mesma Igreja, pelo sinal que celebra “se compromete irreversivelmente” com essa promessa de graça que, em última instancia vem de Deus. Através do ministério e do sacramento da unção, a graça salvadora na enfermidade “torna-se” uma forma, sinal visível, que age ativa e eficaz na vida. Assim nos encontramos com um sacramento da Igreja.

Como sabemos que a unção é um sacramento? Este não depende nem do homem enfermo e nem da explicitação eclesial em sua história, mas do próprio Cristo. Nisto consiste a “instituição” reconhecida e defendida pela Igreja de uma ou outra forma ao longo da história. Temos um termo semântico explícito, em que Cristo afirma ser a unção um sacramento, nem que dava poder aos apóstolos para declará-lo como tal, nem que devia celebrá-lo desta ou daquela maneira - ritualidade? Síntese: a unção só é sacramento porque tem sua origem em Cristo, se torna explicitamente um sinal sacramental do septenário da Igreja pelas seguintes razões convergentes: 1. Mencionados em Marcos 6,16 na primeira missão e no mandato pós-pascal de Cristo Marcos 16, 17-18, que manifestam sua intenção e se daria pela mediação de um sinal; 2. a continuação desta missão na práxis da comunidade apostólica (Tg 5, 13-16), concretização explícita em nome de Cristo; 3.configuração histórica deste ministério pela explicitação eclesial sacramental através das fontes da teologia Bíblia, Tradição, Magistério e Liturgia; 4.necessidade antropológica da proclamação sacramental de graça eficaz-simbólica, dentro da enfermidade.

**2.A unção assume o combate do homem pela vida e salvação total**

Unção sacramento para a atividade e a luta pelo bem maior da saúde, do perdão e da salvação.

1. Cristo veio lutar contra o mal, a enfermidade, a morte

As figuras do AT que anunciam o Messias implicam uma missão e ação contra o mal e as forças do mal, em favor da libertação e salvação do povo e de todos os homens. As profecias se cumprem na figura do servo de Javé através de um processo doloroso e agônico, marcado pelo sofrimento, pela luta contra o reino de Satanás, e entrega da própria vida.

Cristo Messias, feito servo de Javé e dos homens, cumpre as profecias e realiza a salvação (Lc 4, 17-21). Jesus luta contra as enfermidades, porque supõe uma destruição da ordem original querida por Deus [...] lutar contra o sofrimento e o mal é uma exigência de fidelidade a Deus, um dever para quem quer cumprir a sua vontade.

Jesus Verbo encarnado, Palavra crucificada, assumiu essa luta a partir de dentro do mundo do sofrimento, assumindo as angústias, em comunhão solidária com mossas fraquezas, provando a morte pela graça de Deus. Ele o fez como vítima obediente e oferecendo-se como oblação ao Pai no Espírito, como holocausto de amor por todos, para cumprir a vontade do Pai. Cristo inverte o sentido destruidor da dor e o torna fonte perene de salvação para todos, colocando na enfermidade um germe de vida e de salvação imarcescíveis, converte o gesto e sentimentos agudo de dor em amor de redenção. A maior cura de Jesus não são as curas, mas o amor que inverte o sentido da doença.

1. A Igreja continuadora de Cristo na luta contra a enfermidade

A Igreja fiel ao seu esposo, fundamento e fundador da Igreja, prossegue no tempo cheia do Espírito Santo, a missão e a obra de Cristo também em sua luta contra a enfermidade e o sofrimento dos homens (Mc 16, 17-18).

Na era apostólica, pelas curas e pelos carismas da primeira comunidade (At 3, 1-26; 1 Cor 12, 7-9...), e assim a Igreja ao longo dos séculos realizou sua missão com pessoas e instituições, com caridade ciência. O cumprimento da sua missão é um exercício de caridade paterna, dever para o bem de todos, sendo para os enfermos ”sacramento de salvação”.

Paulo VI recordava a missão profética e libertadora da Igreja na relação com os enfermos e à dor do mundo, de modo particular no Concílio: “A Igreja com janela aberta para o mundo, olha com particular interesse para determinadas categorias de pessoas. Olha os pobres, os necessitados, os enfermos, os aflitos, os famintos, os encarcerados, ou seja, olha para toda a humanidade que sofre e chora”. O Concílio repete que a Igreja na *sequela Christi, “*abraça todos os aflitos pela debilidade humana*” (LG 8),* une-se “especialmente aos pobres e aflitos” (AG 12), reivindica com especial direito “a misericórdia com os necessitados e enfermos” (AA 8), e quer levar a esperança a todos os que se perguntam pelos “enigmas da vida e da morte, da culpa e da dor” (GS 21). O Ritual dos enfermos retoma estes princípios (cf. n. 3-4, 32-33)

A Igreja samaritana só será fiel a Cristo se lutar contra a enfermidade e suas causas, e promover a cultura da vida e do encontro, para superar no mundo as causas pecaminosas e estruturais criminosas que geram tais escândalos e sofrimento para os mais pobres.

1. A ação “curativa” da Igreja na situação de enfermidade

Em que se fundamenta a luta da Igreja, e como se explica tudo isto?

A enfermidade tempo de verdadeira teografia.

A enfermidade e o nó de relações: consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

A enfermidade e a provocação para a conversão e a libertação do pecado.

A comunhão com Cristo e a geografia espiritual.

Viver a partir da fé e na força de Cristo, a situação de enfermidade e sofrimento, se abrem a uma existência pascal.